

TRADIÇÕES INVENTADAS E INOVAÇÕES NAS RELIGIÕES

INVENTED TRADITIONS AND INNOVATIONS
IN RELIGIONS

Paulo Estevão Tavares Cavalcanti

Resumo: Este artigo explora a relação entre tradição e inovação nas religiões, destacando como tradições podem ser inventadas ou reinterpretadas para atender a necessidades contemporâneas. No contexto das religiões, a tradição sagrada é frequentemente uma combinação de herança do passado e criação moderna para legitimar novas práticas e doutrinas. Ao final, concluímos que as crenças e práticas religiosas influenciam e são influenciadas por outros registros culturais, contribuindo para o desenvolvimento do futuro ao se adaptarem às condições históricas prevaletentes.

Palavras-chave: Tradição, Inovação, Religião, Tradições Inventadas, Criatividade Religiosa.

Abstract: This paper explores the relationship between tradition and innovation in religions, highlighting how traditions can be invented or reinterpreted to meet contemporary needs. In conclusion, religious beliefs and practices influence and are influenced by other cultural records, contributing to the development of the future by adapting to prevailing historical conditions.

Keywords: Tradition, Innovation, Religion, Invented Traditions, Religious Creativity.

INTRODUÇÃO

Por religião entendemos um conjunto de símbolos, crenças e práticas sociais que afirmam a existência de uma realidade metafisicamente e axiologicamente final, a partir da qual é possível alcançar um bem supremo ou um estado de realização plena. Definida dessa forma, entendemos que a religião, como instituição social, encontra-se inserida no domínio mais amplo da cultura como produção humana, a partir da nossa interação com o mundo, este último entendido como o conjunto das dimensões física e humana da existência e da interação entre essas duas dimensões.

Entre os diversos processos de interação humana, a tradição e a inovação jogam papéis importantes na estabilidade e manutenção de crenças que sustentam nosso modo de ser e estar no mundo, este entendido como o conjunto de realizações físicas e culturais humanas que constituem a base sob a qual construímos nosso destino como humanos.

Tradição comumente refere-se a um conjunto de crenças e práticas transmitidas de geração em geração. Embora, no domínio religioso, a tradição forneça respeitabilidade às crenças e doutrinas instituídas, em algumas situações, tradições historicamente verificáveis, contudo, coexistem com inovações recentes cujas origens são falsamente projetadas de volta no tempo. O presente trabalho aborda essa questão, analisando o mecanismo pela qual uma inovação é inserida espuriamente como uma tradição que remonta ao passado ou às origens das crenças que dão sustentação a determinadas denominações religiosas.

1- TRADIÇÃO

O que caracteriza a tradição é a invariância, sendo o passado real ou inventado repetido de maneira formal, como uma prática fixa. O objetivo da tradição é a continuidade de uma lei supostamente natural e expressa na história.

O conceito de tradição está intimamente relacionado à passagem do tempo e à permanência de determinado rito ou costume. A permanência confere ao rito ou costume a ideia de que estes representam uma conquista ou aquisição importante do ponto de vista civilizacional, isto é, a permanência agrega autoridade, dada a sua invariância.

A tradição também está ligada a aspectos formais em que a repetição de determinados ritos ou costumes atualizam a importância de fatos ou momentos que ocorreram no passado e que transmitem ideias-força para dimensões simbólicas de determinados grupos sociais.

Nesse sentido, tradição deve ser diferenciada do costume vigente nas sociedades tradicionais. Isso porque possuem diferentes objetivos: o objetivo e característica das tradições, como afirmamos acima, é a invariabilidade. O passado a que elas se referem impõe práticas que são geralmente fixadas e formalizadas, comumente por meio da repetição rituais. Os costumes,

por seu turno, nas sociedades tradicionais, podem ser atualizados, desde que não percam a sua conexão com aqueles que os precederam.

2- TRADIÇÕES INVENTADAS E PODER SIMBÓLICO

Em sociedades onde símbolos e narrativas são usados para validar identidades e consolidar hegemonias, a obra *A Invenção das Tradições* (Hobsbawm & Ranger, 1997) propõe uma crítica contundente de que muitas tradições tidas como ancestrais são construções recentes. Hobsbawm propõe o conceito de “tradições inventadas”, definindo-as como práticas ritualizadas que pretendem estabelecer continuidade com o passado, mesmo que esse passado seja construído artificialmente. Segundo o autor, “a tradição inventada refere-se a um conjunto de práticas, normalmente regidas aberta ou tacitamente por regras explícitas ou implícitas e de natureza ritual ou simbólica, que procuram inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição” (HOBBSAWM, 1997, p. 9).

Esse processo de invenção é uma resposta direta às mudanças sociais e políticas provocadas pela modernidade. A tradição funciona como uma forma de ancoragem simbólica frente à fluidez do tempo histórico, sendo utilizada para legitimar discursos ideológicos e consolidar identidades coletivas. Em sua análise, Hobsbawm destaca que “muito frequentemente, a invenção de tradições ocorre de forma acelerada em sociedades em que as mudanças rápidas minam os padrões tradicionais de comportamento” (HOBBSAWM, 1997, p. 15), o que explicita o papel da tradição como estratégia de estabilização cultural e política.

Um aspecto importante nessa discussão é a distinção conceitual entre tradição e costume: “O costume é adaptável, flexível e capaz de evoluir em consonância com as transformações sociais; já a tradição inventada tende à rigidez e à formalização simbólica” (HOBBSAWM, 1997, p. 13–14). Essa diferenciação não é apenas semântica, mas epistemológica, pois permite compreender como certos comportamentos passam a ser revestidos com uma aura de ancestralidade, mesmo sendo recentes.

A história nos revela situações em que tradições são criadas ou adaptadas para determinados fins: TREVER-ROPPER (1997) procura evidenciar como tradições culturais, mesmo quando construídas artificialmente, podem se tornar centrais na constituição das identidades nacionais. O caso das *Highlands* escocesas revela como práticas inventadas, ao serem institucionalizadas e reproduzidas, assumem papel simbólico e político decisivo. O aspecto mais contundente da reflexão desse autor reside na constatação de que estas invenções não foram

impostas aos habitantes originais das *Highlands*¹, mas sim reinterpretadas, de modo que os próprios escoceses passaram a adotá-las como expressão legítima de sua identidade cultural. Essa aceitação não decorreu de autenticidade, mas da capacidade das tradições de se converterem em práticas vividas, ritualizadas e institucionalmente reconhecidas. “Embora fictícias em origem, essas tradições adquiriram legitimidade prática ao serem repetidas, codificadas e celebradas socialmente” (TREVOR-ROPER, 1997, p. 45).

Na mesma direção, MORGAN (1997) analisa a maneira como, durante o período romântico, o País de Gales reconstruiu sua identidade histórica por meio da invenção de tradições e da revalorização do passado céltico, demonstrando como elementos culturais, religiosos e estéticos foram mobilizados por intelectuais galeses para produzir uma narrativa nacional robusta. Essa reconstrução simbólica, embora muitas vezes baseada em fontes dúbias ou idealizadas, desempenhou papel central na legitimação de uma memória coletiva e na criação de um imaginário nacional.

Um outro exemplo de tradição inventada é o processo de construção da identidade nacional galesa durante o século XIX, especialmente no contexto romântico europeu, analisado por MORGAN (1997). Segundo ele, houve um esforço consciente por parte de intelectuais, antiquários e líderes culturais em revitalizar e reinventar símbolos históricos, como forma de afirmar uma continuidade nacional céltica frente à hegemonia inglesa. Para ele, trata-se de um processo em que a ficção do passado substitui a história empírica, legitimando sentimentos de pertencimento e resistência: “A busca pelo passado galês foi uma jornada mais poética do que arqueológica” (MORGAN, 1997, p. 69).

Nessa mesma linha é a investigação de RANGER (1997) que analisou como as potências coloniais europeias, inventaram e institucionalizaram tradições africanas durante o domínio colonial, com o objetivo de consolidar seu controle político, legitimar estruturas de autoridade e reorganizar hierarquias sociais. De acordo com ele, “muitas das tradições que foram proclamadas como ‘ancestrais’ durante o colonialismo não existiam antes do contato europeu; eram em grande parte produtos da administração colonial e da imaginação etnográfica imperial” (RANGER, 1997, p. 219).

A tradição inventada tem, portanto, “a função social de lidar com rupturas e transformações, especialmente em contextos pós-industriais, criando uma ilusão de continuidade histórica” (HOBBSBAWM, p. 15). De fato, Hobsbawn propõe uma leitura crítica da história como construção social e mecanismo de poder. Ao desmistificar práticas tidas como antigas, convida-nos a entender a tradição como ferramenta de legitimação ideológica, reafirmando a importância de se pensar a memória como estrutura dinâmica e instrumentalizada. Na próxi-

1 Segundo TREVER-ROPPER(1997), o kilt, feito em tecido de lã axadrezado e a gaita de foles, que nos dias de hoje são considerados elementos importantes na tradição escocesa antiga, são na verdade bem modernos. Além disso, afirma que a ideia de uma tradição específica das terras altas (*highlands*) não passa de uma invenção retrospectiva. De fato, os montanhese (*highlanders*) da Escócia não constituíam um povo separado antes dos últimos anos do século XVII; eram simplesmente emigrantes irlandeses, vindos para a Escócia devido a pressões populacionais.

ma seção discutiremos como o trabalho desenvolvido por estes autores poderia ser estendido para compreender a dinâmica das transformações nas tradições sagradas.

3 - INVENÇÃO DE TRADIÇÕES SAGRADAS

No âmbito das religiões, a ideia de tradição é geralmente associada à transmissão de saberes, rituais e crenças por gerações. No entanto, como pontuam Lewis e Hammer (2007, p. 1): “a tradição sagrada não é apenas uma herança do passado, mas também uma ferramenta criativa do presente”. O conceito de *tradição inventada* revela como práticas e doutrinas consideradas ancestrais são, muitas vezes, formulações modernas com objetivos específicos de legitimação, autoridade e coesão.

A continuidade das tradições religiosas pode ser aparente, já que a autoridade de determinadas tradições religiosas não decorre de comprovação histórica, mas da maneira como são percebidas por seus adeptos. Essa perspectiva dialoga com a teoria da tradição inventada, cunhada por Hobsbawm e acima referida, segundo a qual práticas simbólicas podem ser construídas com aparência de antiguidade para consolidar valores contemporâneos.

Rothstein (2007, p. 21) defende que “a criação de uma escritura canônica é uma estratégia para legitimar qualquer novo movimento religioso”. A Cientologia, estudada por ele, constrói sua autoridade por meio de textos considerados revelações, atribuindo-lhes caráter sagrado e conferindo continuidade à tradição espiritual.

Hardman (2007, p. 39), ao tratar dos relatos de Carlos Castañeda, afirma que “o discurso sagrado pode ser construído mesmo a partir de figuras cuja veracidade é questionável”. Essa reflexão expõe como elementos da tradição podem emergir não da verificação empírica, mas da aceitação simbólica por comunidades espirituais.

Davies (2007, p. 58), em sua análise sobre o mormonismo, demonstra que “a reconstrução histórica serve como instrumento de autoridade religiosa”. Isso reforça o papel da narrativa histórica como elemento legitimador, transformando personagens e eventos em marcos fundacionais.

Partridge e Geaves (2007, p. 77) destacam como os *Protocolos dos Sábios de Sião*, embora apócrifos, adquiriram status de texto sagrado por meio de sua associação a discursos conspiratórios: “textos espúrios podem ganhar status de escritura sagrada quando associados a um discurso conspiratório”. Essa dinâmica revela os perigos da manipulação simbólica na construção do sagrado.

Thomassen (2007, p. 143) ressalta que “atribuições espúrias eram práticas comuns para legitimar ensinamentos divergentes” no contexto dos textos neotestamentários. A sacralização de conteúdos controversos demonstra que a autoridade textual depende não apenas da origem, mas da função que o texto desempenha dentro de um sistema de crenças.

Ao desconstruírem a ideia de sacralidade como produto exclusivo da ancestralidade, esses autores revelam que o sagrado também é uma construção cultural, negociada constantemente entre contexto, poder e narrativa.

Assim, é possível inferir, que a legitimidade religiosa não se apoia exclusivamente em documentos antigos, mas em discursos que atribuem a esses documentos valor sagrado. Nesse sentido, a invenção da tradição sagrada não representa necessariamente uma falsificação, mas uma estratégia interpretativa com impactos profundos na formação de identidades religiosas contemporâneas.

Entre os mecanismos de construção de tradição destacam-se:

- Inserção de textos recentes em cânones sagrados.
- Reinterpretação de rituais esquecidos como práticas ancestrais.
- Criação de mitos fundacionais que dão sentido e unidade ao grupo religioso.

A transmissão da tradição em algumas religiões pode ser observada em dois momentos: em um primeiro momento essas religiões incluem alegações de que seus credos e práticas foram originalmente transmitidos de uma fonte transcendente. Em um segundo momento, apresentam narrativas explicativas de como as doutrinas e práticas reveladas foram transmitidas do passado até os dias atuais, isto é, como a partir das fontes transcendentais originais essas revelações chegaram até os integrantes atuais da comunidade religiosa.

(Hammer e Lewis, 2007) considera algumas práticas que revelam a forma como uma falsa tradição pode ser construída:

- Textos podem ser estrategicamente construídos para darem a impressão que foram escritos por outra pessoa;
- Textos anônimos podem ser erroneamente atribuídos a pessoas conhecidas por tradutores ou comentaristas;
- Documentos podem ser atribuídos a pessoas que nunca existiram.

A história das religiões é a história do nascimento de novos grupos, símbolos, práticas e instituições. Embora os membros de uma tradição religiosa possam nem mesmo estar conscientes da mudança religiosa e de seu envolvimento nela, sua tradição está sempre, de alguma forma, em construção.

Algumas tradições inventadas obtêm legitimidade por recriar um passado ideal, que normalmente refere-se à época em que o fundador estava ainda com os seus seguidores. Movimentos emergentes, em geral, ocorrem em torno de figuras carismáticas, portanto, quando o líder carismático não está mais presente, o carisma necessita ser transferido para algum outro meio para que o movimento continue existindo. A devoção dirigida anteriormente para a figura do fundador é então transferida para elementos que enaltecem a grandeza do líder, como,

por exemplo, a imagem do fundador, os lugares em que esteve, as obras a ele atribuídas. As tradições religiosas, longe de serem registros imutáveis do passado, podem ser criações intencionais com fins de legitimação.

4 - TRADIÇÃO, CRIATIVIDADE E INOVAÇÃO NAS RELIGIÕES

Entendemos criatividade como o exercício da concepção própria de uma ideia nova, em abstrato e, a inovação como o resultado da criatividade em termos práticos.

Estudos nas áreas de Psicologia e a Administração no século XX foram responsáveis pela difusão da ideia de que a criatividade é um recurso cognitivo que pode ser usado por qualquer pessoa para resolver problemas da vida ordinária, em contraste com a visão antiga de que essa era uma capacidade de alguns poucos indivíduos agraciados com a genialidade.

No domínio das crenças religiosas, é possível observar que uma característica importante da experiência humana do sagrado é despertar a capacidade de reelaborar e remontar criativamente símbolos que governam as ordens sociais, culturais e institucionais da sociedade.

Embora a criatividade seja uma função presente nos diversos campos e contextos culturais, a pesquisa sobre a relação entre a criatividade e a religião tem sido pouco explorada. Importante reconhecer, contudo, que a experiência religiosa tem oferecido oportunidades para o campo religioso exercitar sua prática de reelaborar e remontar criativamente símbolos que governam as ordens sociais, culturais e institucionais da sociedade, utilizando como mecanismos sociais básicos a invenção da tradição e a inovação, em uma relação dialética que engendra novas formas e práticas envolvendo aspectos religiosos, como resposta às transformações culturais.

Nesse sentido, Palmisano e Pannofino (2017) propõem o conceito de “criatividade religiosa”, que se refere à capacidade das tradições religiosas de se adaptarem e se reinventarem em resposta às mudanças culturais e sociais. Eles argumentam que o sagrado não desapareceu, mas foi deslocado para novas formas, frequentemente criadas com uma mistura de elementos de diferentes tradições. Argumentam que a tradição religiosa atua como uma estratégia de autenticidade identitária, onde mitos e tradições antigas são ativados como instrumentos de legitimação. A memória sagrada é fragmentada, e é na recomposição dessas partes que a inovação se revela tradicional.

Além disso, eles propõem que a criatividade religiosa envolve a reelaboração e remontagem criativa de símbolos que governam as ordens sociais, culturais e institucionais da sociedade. Esse processo é uma resposta às transformações culturais, utilizando a invenção da tradição e a inovação como mecanismos sociais básicos.

No mundo contemporâneo, marcado pela pluralidade simbólica, globalização espiritual e crescente sincretismo religioso, a tradição sagrada não se desfaz — ela se reinventa.

Turner (1992) atribui o conceito de liminaridade à fase crítica em rituais de passagem, onde os participantes experimentam uma separação temporária de suas identidades anteriores e são preparados para assumir novas identidades e papéis sociais. Esse conceito é fundamental para entender como as sociedades lidam com mudanças e transições, proporcionando um espaço para a inovação e a transformação social.

Berger (1997) analisa a plausibilidade social das crenças num cenário de competição simbólica ao explorar como as crenças religiosas e outras formas de conhecimento são mantidas e legitimadas em contextos em que múltiplos sistemas simbólicos competem entre si. Argumenta que a plausibilidade das crenças depende de sua capacidade de se manterem convincentes e coerentes dentro de um determinado contexto social. Em um cenário de competição simbólica, diferentes grupos e instituições lutam para estabelecer suas próprias versões da realidade como as mais válidas e legítimas.

Berger (1997) sugere que a manutenção da plausibilidade das crenças envolve a construção de “universos simbólicos” que fornecem uma estrutura coerente e abrangente para a compreensão do mundo. Esses universos simbólicos são sustentados por mecanismos sociais, como a socialização, que reforçam as crenças e práticas dentro de uma comunidade. Esses universos simbólicos, contudo, afirma esse autor, podem ser desafiados por sistemas alternativos de significado, levando a uma constante negociação e reinterpretação das crenças.

Pereira (2002) explora os sincretismos ibéricos como expressões híbridas da fé ao analisar como diferentes tradições religiosas e culturais se misturam e se transformam em novas formas de expressão espiritual. Ele argumenta que os sincretismos ibéricos são resultado da interação entre diversas influências religiosas, como o cristianismo, o islamismo e o judaísmo, que coexistiram na Península Ibérica ao longo dos séculos. Para ele, essa convivência levou à criação de práticas e crenças híbridas que combinam elementos de diferentes tradições, resultando em uma fé rica e multifacetada.

Meyer (2006) e Latour (2005) discutem a criatividade no domínio religioso ao conectar espiritualidade com sensações, estética e redes sociotécnicas e ao explorar como a experiência religiosa é moldada não apenas por crenças e doutrinas, mas também por elementos sensoriais e estéticos que influenciam a percepção e a prática da fé. Eles argumentam que a espiritualidade é vivenciada através de uma combinação de sensações físicas, como sons, cheiros e imagens, que são integradas em redes sociotécnicas que estruturam e disseminam essas experiências. Redes sociotécnicas são estruturas que combinam elementos sociais e técnicos para formar sistemas interconectados que influenciam e moldam a sociedade. Essas redes incluem não apenas pessoas e instituições, mas também tecnologias, artefatos e práticas que interagem e se influenciam mutuamente. O conceito é frequentemente utilizado para entender como a tecnologia e a sociedade se co-constroem, ou seja, como as inovações tecnológicas são moldadas por contextos sociais e, ao mesmo tempo, como essas inovações influenciam e transformam esses contextos.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criatividade religiosa contemporânea não é mera bricolagem simbólica, mas reinvenção performada, expressão de desejo espiritual e resistência cultural. O sagrado, ao reimaginar a si mesmo, transforma rituais, refaz memórias e reconfigura territórios simbólicos. Em tempos de hibridização cultural, a tradição não é algo que permanece porque nunca muda, mas ela sobrevive porque se transforma. O catolicismo popular brasileiro, através de festas juninas, romarias e benzimentos, exemplifica a reinvenção contínua do rito. Comunidades neo-xamânicas e movimentos esotéricos urbanos conjugam saberes ancestrais com terapias alternativas, revelando uma espiritualidade flexível e sensorial. Essas práticas desafiam fronteiras institucionais e aproximam tradição, desejo e imaginação ritual.

A análise apresentada ao longo deste documento procura desvelar essa complexa relação entre tradição e inovação nas religiões. A tradição, frequentemente vista como um conjunto imutável de crenças e práticas transmitidas de geração em geração, é, na verdade, um fenômeno dinâmico e em constante evolução. A invenção de tradições, conforme discutido, é uma estratégia utilizada para legitimar novas práticas e doutrinas, bem como para consolidar identidades coletivas.

No contexto das religiões, a tradição sagrada é uma combinação de herança do passado e criação moderna. A inserção de textos recentes em cânones sagrados, a reinterpretação de rituais esquecidos e a criação de mitos fundacionais são exemplos de como as tradições religiosas se adaptam e se reinventam em resposta às mudanças culturais e sociais. A legitimidade religiosa, portanto, não se baseia apenas em documentos antigos, mas também em discursos que atribuem valor sagrado a esses documentos. A criatividade religiosa, por sua vez, é a capacidade das tradições religiosas de se adaptarem e se reinventarem, atuando como uma estratégia de autenticidade identitária.

Em conclusão, as crenças e práticas religiosas influenciam e são influenciadas por outros registros culturais, contribuindo para o desenvolvimento do futuro ao se adaptarem às condições históricas prevaletentes. A invenção da tradição, portanto, é um processo contínuo e essencial para a sobrevivência e relevância das religiões no mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

AKERMAN, Susanna. Three phases of inventing Rosicrucian tradition in the seventeenth century. In: LEWIS, James R.; HAMMER, Olav (Orgs.). *The Invention of Sacred Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 158–176.

BROMLEY, David G.; COWAN, Douglas E. The invention of a counter-tradition: the case of the North American anti-cult movement. In: LEWIS, James R.; HAMMER, Olav (Orgs.). *The Invention of Sacred Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 96–117.

CHRYSSIDES, George D. “Heavenly deception”? Sun Myung Moon and Divine Principle. In: LEWIS, James R.; HAMMER, Olav (Orgs.). *The Invention of Sacred Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 118–140.

CORRIGAN, Kevin; HARRINGTON, Michael. Pseudo-Dionysius: the mediation of sacred traditions. In: LEWIS, James R.; HAMMER, Olav (Orgs.). *The Invention of Sacred Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 241–257.

DAVIES, Douglas J. The invention of sacred tradition: Mormonism. In: LEWIS, James R.; HAMMER, Olav (Orgs.). *The Invention of Sacred Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 56–74.

DAVIES, Philip R. Spurious attribution in the Hebrew Bible. In: LEWIS, James R.; HAMMER, Olav (Orgs.). *The Invention of Sacred Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 258–276.

GAYLEY, Holly. Ontology of the past and its materialization in Tibetan treasures. In: LEWIS, James R.; HAMMER, Olav (Orgs.). *The Invention of Sacred Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 213–240.

HAMMER, Olav; LEWIS, James R. Introduction. In: LEWIS, James R.; HAMMER, Olav (Orgs.). *The Invention of Sacred Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 1–17.

HARDMAN, Charlotte E. “He may be lying but what he says is true”: the sacred tradition of don Juan as reported by Carlos Castaneda, anthropologist, trickster, guru, allegorist. In: LEWIS, James R.; HAMMER, Olav (Orgs.). *The Invention of Sacred Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 38–55.

HARVEY, Graham. Inventing Paganisms: making nature. In: LEWIS, James R.; HAMMER, Olav (Orgs.). *The Invention of Sacred Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 277–290.

HOBBSAWN, E. J. and RANGER, T. (1983). *The invention of tradition*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

LEWIS, James R.; HAMMER, Olav (Orgs.). *The Invention of Sacred Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

LEWIS, Sarah. The peculiar sleep: receiving The Urantia Book. In: LEWIS, James R.; HAMMER, Olav (Orgs.). *The Invention of Sacred Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 199–212.

PALMISANO, S. & PANNOFINO, N. (Ed). (2017). *Invention of Tradition and Syncretism in Contemporary Religions*. Cham, Switzerland: Palgrave Macmillan.

PARTRIDGE, Christopher; GEAVES, Ron. Antisemitism, conspiracy culture, Christianity, and Islam: the history and contemporary religious significance of the Protocols of the

Learned Elders of Zion. In: LEWIS, James R.; HAMMER, Olav (Orgs.). *The Invention of Sacred Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 75–95.

ROSE, K. (2013). *Pluralism: the future of religion*. New York: Bloomsbury Publishing.

ROTHSTEIN, Mikael. Scientology, scripture, and sacred tradition. In: LEWIS, James R.; HAMMER, Olav (Orgs.). *The Invention of Sacred Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 18–37.

STAUSBERG, Michael. A name for all and no one: Zoroaster as a figure of authorization and a screen of ascription. In: LEWIS, James R.; HAMMER, Olav (Orgs.). *The Invention of Sacred Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 177–198.

WILLIAMS, M. A. (Ed.) (1992). *Innovation in Religions Traditions: Essays in the Interpretation of Religions Change*. New York: Mouton de Gruyter.

Autoria. Paulo Estevão Tavares Cavalcanti

Doutor em Filosofia pela UnB e Pesquisador Colaborador Pleno junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UnB.

DOI: 10.26512/2358-82842024e59136

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 Internacional License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).